

information, one might suspect that *C. lucifer* has a patchy distribution in Peru. Kinzey and Gentry (1979) had argued that *C. torquatus* is restricted to white-sand forests, but this hypothesis was convincingly rejected by DeFler (1994) for *Callicebus (torquatus) lugens*. It would be premature to speculate on any ecological or edaphic factors relating to the distribution of *C. lucifer* in Peru until its full distributional range and the extent to which it may be patchy are known.

**Eckhard W. Heymann**, Abteilung Verhaltensforschung & Ökologie, Deutsches Primatenzentrum, Kellnerweg 4, D-37077 Göttingen, Germany, **Filomeno Encarnación C.**, Instituto de Ciencias Biológicas Antonio Raimondi, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Apartado 575, Iquitos, Peru, and **Pekka Soini**, Proyecto BIODAMAZ, Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana (IIAP), Apartado 454, Iquitos, Peru.

## References

- Aquino, R. and Encarnación, F. 1994. Primates of Peru – Los Primates del Perú. *Primate Rep.* 40: 1-127.
- DeFler, T. R. 1994. *Callicebus torquatus* is not a white-sand specialist. *Am. J. Primatol.* 33: 149-154.
- Hershkovitz, P. 1990. Titis, New World monkeys of the genus *Callicebus* (Cebidae, Platyrrhini): A preliminary taxonomic review. *Fieldiana Zoology, N.S.* (55): 1-109.
- Kinzey, W. G. 1977. Diet and feeding behavior in *Callicebus torquatus*. In: *Primate Ecology: Studies of Feeding and Ranging Behaviour in Lemurs, Monkeys and Apes*, T. H. Clutton-Brock (ed.), pp.127-151. Academic Press, London.
- Kinzey, W. G. and Gentry, A. H. 1979. Habitat utilization in two species of *Callicebus*. In: *Primate Ecology: Problem-Oriented Field Studies*, R. W. Sussman (ed.), pp.89-100. John Wiley & Sons, New York.
- Räsänen, M., Linna, A., Irion, G., Rebata Hernani, L., Vargas Huaman, R. and Wesselingh, F. 1998. Geología y geofomas de la zona de Iquitos. In: *Geoecología y Desarrollo Amazónico: Estudio Integrado en la Zona de Iquitos, Perú*, R. Kalliola and S. Flores Paitán (eds.), pp.59-137. Turun Yliopisto, Turku.
- Van Roosmalen, M. G. M., Van Roosmalen, T. and Mittermeier, R. A. 2002. A taxonomic review of the titi monkeys, genus *Callicebus* Thomas, 1903, with the description of two new species, *Callicebus bernhardi* and *Callicebus stephennashi*, from Brazilian Amazonia. *Neotrop. Primates* 10(suppl.): 1-46.
- próprias etiquetas de material no Museu Nacional, Rio de Janeiro: MN-2856 (holótipo, pele e crânio, macho adulto, Comissão Rondon, 9 de abril de 1914), MN-2851 (parátipo, sexo indeterminado, pele e crânio, Comissão Rondon, 10 de abril de 1914), MN-2857 (parátipo, sexo indeterminado, pele e crânio, Comissão Rondon, 08 de abril de 1914).
- Foi no ano de 1914 que a Comissão Rondon integrou-se à expedição Norte-Americana do Presidente T. Roosevelt, formando assim uma Comissão Mista. A expedição Roosevelt-Rondon explorou naquele ano o rio da Dúvida e o rio Juruena, via o formador rio Papagaio. O material coletado de 1907 a 1914 pela Comissão Rondon foi destinado em parte ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em parte ao American Museum of Natural History, Nova Iorque.
- Do material coletado pela referida Comissão, muitos espécimes tinham etiquetas informando a origem como sendo o rio Castanho. Na época, foram consultados outros materiais de primatas e mamíferos cujas localidades referiam-se ao mesmo rio Castanho, mas muitas das vezes citado como “Rio Castanho (= Rio Roosevelt)” (vide também Hershkovitz, 1977).
- Sendo assim a localidade tipo foi determinada como “Foz do Rio Castanho (= Rio Roosevelt), afluente esquerda do rio Aripuanã, Estado do Rio Amazonas, Brasil” (Alperin, 1993).
- Segundo as anotações do próprio Presidente Roosevelt, o nome “Castanho” era somente conhecido pelos seringueiros da região, sendo um nome completamente desconhecido pelos geógrafos, e na verdade tratava-se do principal afluente a esquerda do rio Aripuanã. Tal magnitude pode ser notado quando ele descreve: “Evidently the Castanho was, in length at least, substantially equal, and probably superior, to the upper Aripuanan...” (Roosevelt, 2000).
- Descreve a sua importância como rio, para a formação do que era conhecido como o baixo Aripuanã: “The upper Aripuanan, a river of substantially the same volume as the Castanho, but broader at this point, and probably of less length, here joined the Castanho from the east, and the two together formed what the rubbermen called the lower Aripuanan.”
- Uma das principais confusões que foram feitas quanto a sua localização, muito provavelmente provém desta mesma época, conforme indica Roosevelt em seus escritos: “The mouth of this was indicated, and sometimes named, on the maps, but only as a small and unimportant stream.”
- A confusão do que seriam rios diferentes, como o Rio Castanho, o Rio Aripuanã, e Roosevelt, ao menos em termos nomenclaturais, fica bastante claro quando a própria Expedição Roosevelt nomeou o então “rio Roosevelt”: “set forth the fact that we had now by actual exploration and investigation discovered that the river whose upper portion had been called the Dúvida on the maps of the Telegraphic Commission and the unknown major part of which we had

---



---

## SOBRE A LOCALIDADE TIPO DE *MICO MARCAI* (ALPERIN, 1993)

Ronaldo Alperin

Na época da descrição do material referente a *Callithrix argentata marcai* (Alperin, 1993), as únicas informações disponíveis quanto sua localidade tipo, encontravam-se nas

just traversed, and the river known to a few rubbermen, but to no one else, as the Castanho, and the lower part of the river known to the rubbermen as the Aripuanan (which did not appear on the maps save as its mouth was sometimes indicated, with no hint of its size) were all parts of one and the same river; and that by order of the Brazilian Government this river, the largest affluent of the Madeira, with its source near the 13th degree and its mouth a little south of the 5th degree, hitherto utterly unknown to cartographers and in large part utterly unknown to any save the local tribes of Indians, had been named the Rio Roosevelt.”

Rylands *et al.* (2000), porém referência a uma possível confusão da nomenclatura da localidade tipo de *Mico marcai*: “The type locality as described by Alperin is confused in that the Rio Castanho is not a synonym of the Rio Roosevelt, and is a left bank affluent of the Rio Roosevelt, not the Rio Aripuanã.” (p.74). Rylands (in litt., 02 de setembro de 2002) informou que a carta consultada indicava um pequeno igarapé, afluente esquerda do rio Roosevelt logo acima da sua boca, chamado Castanho. Porém, não tendo mais acesso à carta consultada naquela época, fez nova consulta à *Carta do Brasil ao Milionésimo* (Brasil, Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Fundação IBGE, 1972). Nesse caso, o igarapé Castanho é desenhado como um pequeno afluente da margem esquerda do rio Aripuanã (não do rio Roosevelt), um pouco abaixo da boca do Rio Roosevelt. Indica também, um vilarejo chamado Castanho na margem esquerda do Rio Roosevelt, pouco acima de sua boca. O fato da existência de um igarapé Castanho pertíssimo da boca do rio Roosevelt (como afluente do rio Aripuanã ou do rio Roosevelt), fez com que Rylands indicasse que não tratava-se de um sinônimo do rio Roosevelt.

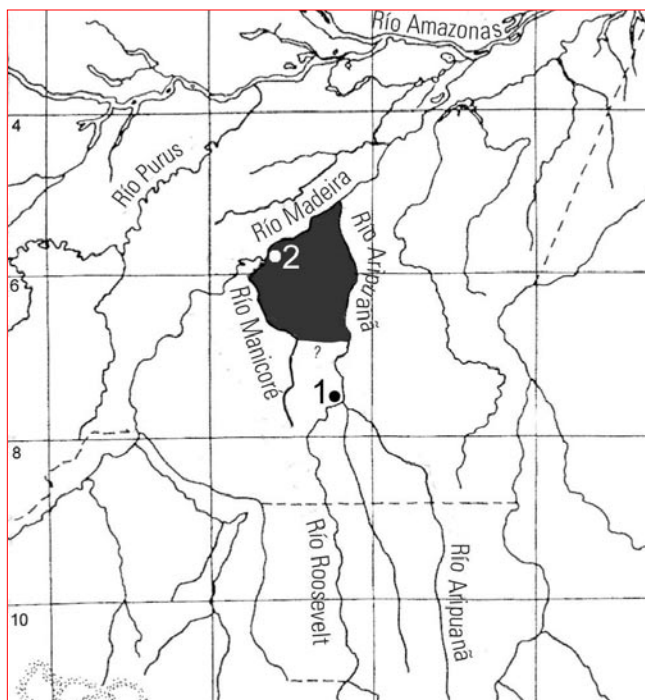
Porém, para confirmar que Castanho e Roosevelt eram de fato sinônimos consultei na ocasião alguns mastozoólogos, como por exemplo o Dr. Mário de Vivo, e o próprio, afirmou categoricamente que ambos os nomes tratavam-se da mesma localidade. Da mesma forma, recentemente tive a oportunidade de consultar a base de dados GEOnet provido pela National Imagery and Mapping Agency e Governo dos Estados Unidos (GEOnet Names Server, web site: <<http://www.nima.mil/gns/html/>>), além da base de dados Alexandria Digital Library Gazetteer Server (Website: <<http://fat-albert.alexandria.ucsb.edu:8827/gazetteer/>>). Esses dois fontes informaram categoricamente que o rio do Castanho e o rio da Dúvida são sinônimos (variantes) do nome rio Roosevelt.

Assim, é possível concluir que a indicação de Rylands *et al.* (2000) vem de uma certa confusão de nomes já na época de 1914, e uma pequena imprecisão em pelo menos uma das cartas consultadas. Porém, Rylands *et al.* (2000; A. B. Rylands in litt.), nunca duvidaram que a informação disponível indicasse que a localidade tipo fica na margem esquerda do rio Roosevelt, perto de sua boca, exatamente como foi indicado por Alperin na sua descrição da espécie em 1993. O que falta é uma averiguação da presença de *Mico marcai* nesse local e levantamentos para acertar a sua distribuição geográfica, entretanto, uma revisão geográfica destes primatas está em preparação (Alperin, em prep.). Não se sabe o limite sul da distribuição de *Mico manicorensis* (Van Roosmalen, Van Roosmalen, Mittermeier and Rylands, 2000), conhecido da Seringal São Luis, margem leste do rio Madeira, perto da cidade de Manicoré (localidade tipo), e do baixo rio Mariépauá. O mapa de distribuição fornecido por Van Roosmalen *et al.* (2000: Fig. 2, p.5) indica que *M. manicorensis* se estende até a margem esquerda do rio Roosevelt, ao leste do rio Manicoré, cubrindo assim o localidade tipo de *M. marcai*. Essa suposição é evidentemente incorreta – *M. manicorensis* terá uma distribuição mais restrita, e serão necessárias mais pesquisas de campo nessa região tão pouca conhecida para esclarecer a situação.

*Agradecimento:* O autor gostaria de agradecer ao Anthony Rylands pelas informações, críticas e principalmente incentivos apresentados durante a confecção deste trabalho.

## Referências

- Alperin, R. 1993. *Callithrix argentata* (Linnaeus, 1771): Considerações taxonômicas e descrição de subespécie nova. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Sér. Zool.* 9(2): 317-328.
- Brasil, Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Fundação IBGE. 1972. *Carta do Brasil ao Milionésimo. Mapa No. 14 – Purus*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro.
- Roosevelt, T. 2000. *Through the Brazilian Wilderness*. Cooper Square Press, New York.
- Rylands, A. B., Schneider, H., Langguth, A., Mittermeier, R. A., Groves, C. P. and Rodríguez-Luna, E. 2000. An



**Figure 1.** The type localities of *Mico marcai* (No. 1) and *Mico manicorensis* (No.2). Shading indicates the possible distribution of *M. manicorensis*.

assessment of the diversity of New World Primates. *Neotrop. Primates* 8(2): 61-93.

Van Roosmalen, M. G. M., Van Roosmalen, T., Mittermeier, R. A. and Rylands, A. B. 2000. Two new species of marmoset, genus *Callithrix* Erxleben, 1777 (Callitrichidae, Primates), from the Tapajós/Madeira interfluvium, south central Amazonia. *Neotrop. Primates* 8(1): 2-18.

---



---

## THE WORLD'S TOP 25 MOST ENDANGERED PRIMATES – 2002

*William R. Konstant, Russell A. Mittermeier  
Anthony B. Rylands, Thomas M. Butynski  
Ardith A. Eudey, Jörg Ganzhorn  
Rebecca Kormos*

In January 2000, Conservation International and the IUCN/SSC Primate Specialist Group released a report - "The World's Top 25 Most Endangered Primates" - a list of threatened prosimians, monkeys and apes whose survival beyond the present century will depend heavily on actions taken now by our own species (Mittermeier *et al.*, 2000). The impetus for the original report came from two realities, one being the lack of any documented primate extinctions during the 20<sup>th</sup> century - a remarkable record in light of recorded losses among other groups of animals during the same period - and the other being the results of an assessment that identified approximately 120 of the world's estimated 640 species and subspecies of primate as being in serious danger of extinction within the next few decades. The Top 25 named in 2000 were merely the tip of the iceberg.

Two years later, we released a new report based on updated information, especially with regard to Asian primates. Since the 2000 report, the Species Survival Commission (SSC) of IUCN - The World Conservation Union launched a program of ongoing conservation status assessments for the world's threatened plant and animal species (Hilton-Taylor, 2002). As many experts had feared, the number of species threatened with extinction continues to rise despite our best efforts to ensure their survival. This new report considers preliminary results from primate workshops and assessments that have recently been conducted in Coimbatore, India for South Asia (Zoo Outreach Organisation / Conservation Breeding Specialist Group (CBSG) South Asia, in prep.), Indonesia (Supriatna *et al.*, 2002), Madagascar (Razanahoera-Rakotomalal *et al.*, 2002), and Vietnam (*A Conservation Action Plan for the Primates of Vietnam: 2001-2006*, in prep.), which recommend listing as many as 195 primate species and subspecies as endangered or critically endangered. New assessments indicate that, from approximately 20% only a few years ago, more than 30% - close to one in every three - of all primates are "Endangered" or "Critically Endangered". The increase from 120 taxa to almost 200 taxa largely reflects new information available from Asian countries. It is not surprising, there-

fore, that Asia now accounts for almost 45% - only slightly less than half - of the world's most endangered primates, or not many less than the three other major regions where primates occur (the Neotropics, Africa and Madagascar) combined (Table 1).

Within these four regions, a total of 49 countries harbor wild populations of the world's most endangered primates: eight countries in the Neotropics, 24 in Africa, 16 in Asia, and Madagascar (a major primate region as well as a country). According to the most recent assessments, the top 10 nations, in terms of endangered primates, are shown in Table 2.

Madagascar and Brazil have long led the list of countries having the highest number of most endangered primates, but both have now been overtaken by Indonesia. Included on the new list of threatened primates are six endangered tarsier species found only in Indonesia. Prior to the Indonesian Conservation Assessment and Management Plan (CAMP) workshop, none had been considered endangered. However, all six of the newly-added species represent small, isolated, island populations; three of the six are new to science and as yet un-named. Firmly in the middle of the pack of nations are China, India and Vietnam, each with 15 endangered primate species and subspecies. Such significant levels of primate endangerment have been recognized for China and Vietnam for a number of years, but India's elevated standing stems from the Coimbatore CAMP workshop in March 2002 (Zoo Outreach Organisation / CBSG South Asia [affiliate of the IUCN/SSC Conservation Breeding Specialist Group] in prep.). The results also placed Sri Lanka on the Top 10 list, as the island nation's primates are largely endemic, and nine are critically endangered or endangered. Four Sri Lankan lorises, in fact, represent the only members of the primate family Lorisidae that are categorized as endangered at this time.

The larger primates, especially the colobines and small apes, represent the majority of Asia's most threatened species. Forty-eight members of the Asian colobine genera *Nasalis*, *Presbytis*, *Pygathrix*, *Rhinopithecus*, *Semnopithecus*, *Simias* and *Trachypithecus* are either endangered or critically endangered, representing just over half of their 90 species and subspecies. This situation parallels that of the gibbons, of which 15 of 28 taxa are now considered among the world's most endangered primates.

There are only three Asian great apes, the monotypic Sumatran orangutan (*Pongo abelii*) found on the Indonesian

**Table 1.** Numbers of Critically Endangered (CR) and Endangered (EN) primates (Hilton-Taylor, 2002).

Region	CR	EN	Total
Neotropics	17	17	34
Africa	10	33	43
Madagascar	10	21	31
Asia	18	69	87
<b>Totals</b>	<b>55</b>	<b>140</b>	<b>195</b>